

# Cadernos **IHU** *ideias*



ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)  
Ano 16 • n° 271 • vol. 16 • 2018



## O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza

Flavio Williges



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

O que caminhar ensina sobre o bem-viver?  
Thoreau e o apelo da natureza

*What does walking teach about living?  
Thoreau and the call of nature*

**Resumo**

Nesse artigo eu pretendo mostrar que as caminhadas nas florestas são, para Thoreau, uma fonte fundamental de conhecimento do bem-viver, da vida boa ou sábia. Abordarei, em particular, duas dimensões do bem-viver discutidas em conexão com o caminhar em meio à natureza selvagem: a ideia de viver no presente e a ideia de manter o espírito sempre jovem, disposto para a vida.

**Palavras-chave:** Thoreau; bem-viver; moralidade; natureza.

**Abstract**

In this paper, I intend to show that walking in the woods is, for Thoreau, a fundamental source of knowledge of the good life. I will analyze especially two dimensions of good life discussed in connection with walking: the idea of living in the present, and the idea of keeping our spirit young.

**Keywords:** Thoreau; good life; morality; nature.

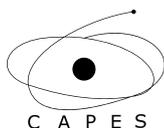
Cadernos  
**IHU** *ideias*

**O que caminhar ensina  
sobre o bem-viver?  
Thoreau e o apelo da natureza**

Flavio Williges

Prof. do Departamento de Filosofia da Universidade  
Federal de Santa Maria – UFSM

ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)  
ano 16 • nº 271 • vol. 16 • 2018



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



**UNISINOS**

**Cadernos IHU ideias** é uma publicação quinzenal impressa e digital do **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

## UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

**Reitor:** Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

**Vice-reitor:** Pedro Gilberto Gomes, SJ

### Instituto Humanitas Unisinos

**Diretor:** Inácio Neutzling, SJ

**Gerente administrativo:** Jacinto Schneider

[ihu.unisinos.br](http://ihu.unisinos.br)

### Cadernos IHU ideias

Ano XVI – Nº 271 – V. 16 – 2018

ISSN 1679-0316 (impresso)

ISSN 2448-0304 (online)

**Editor:** Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

**Conselho editorial:** MS Rafael Francisco Hiller; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Prof. MS Gilberto Antônio Faggion; Prof. Dr. Lucas Henrique da Luz; MS Marcia Rosane Junges; Profa. Dra. Marilene Maia; Profa. Dra. Susana Rocca.

**Conselho científico:** Prof. Dr. Adriano Naves de Brito, Unisinos, doutor em Filosofia; Profa. Dra. Angelica Massuquetti, Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade; Profa. Dra. Berenice Corsetti, Unisinos, doutora em Educação; Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja, Unisinos, doutor em Psicologia; Prof. Dr. César Sanson, UFRN, doutor em Sociologia; Prof. Dr. Gentil Corazza, UFRGS, doutor em Economia; Profa. Dra. Suzana Kilpp, Unisinos, doutora em Comunicação.

**Responsável técnico:** MS Rafael Francisco Hiller

**Imagem da capa:** IHU

**Revisão:** Carla Bigliardi

**Editoração:** Gustavo Guedes Weber

**Impressão:** Impressos Portão

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2003) - . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .  
v.  
Quinzenal (durante o ano letivo).  
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.  
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 11, n. 204 (2013).  
ISSN 1679-0316  
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.  
CDU 316  
1  
32

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

ISSN 1679-0316 (impresso)

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos IHU ideias:

Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos  
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil  
Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467  
Email: [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br)

# O QUE CAMINHAR ENSINA SOBRE O BEM-VIVER? THOREAU E O APELO DA NATUREZA

*Flavio Williges<sup>1</sup>*

Prof. do Departamento de Filosofia da Universidade  
Federal de Santa Maria – UFSM

## 1. Introdução

Desde a publicação de *Morality* (1972) e *Ethics and the Limits of Philosophy* (1985), de Bernard Williams, tornou-se comum estabelecer uma distinção entre os domínios da “ética” e da “moralidade”. Filósofos dedicados à moralidade, que Williams associou principalmente com o tipo de abordagem da moral encontrado em Kant, são aqueles que buscam definir as condições que uma ação deveria satisfazer para ser considerada moral, uma ação boa. Esse tipo de abordagem envolve também analisar os conceitos de obrigação, de dever e da culpa, que é o que sentimos quando não cumprimos nosso dever moral. Williams criticou essa concepção estrita da moralidade chamando-a de uma “instituição muito peculiar” e “chata” dentro da ampla tradição filosófico-moral que se ocupou com questões relativas à boa vida, amizade, amor, identidade prática e com nossos esforços de autotransformação e aperfeiçoamento moral. Ele chamou esse segundo direcionamento, mais amplo, que associou com a filosofia dos clássicos gregos, de *ética*.

A ética, entendida nesse sentido, é uma reflexão ampla sobre como nossas vidas adquirem sentido a partir de projetos pessoais, sobre o significado das emoções (como o amor, compaixão ou raiva) para uma boa vida, sobre o cultivo dos ideais da virtude e justiça social na cidade, dentre outros temas. Em outras palavras, no ideário de Williams, a reflexão filosófica focava em demasia princípios abstratos que explicariam o que torna uma ação boa, enquanto temas concretos ligados à condução da vida

---

1 Prof. do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM e bolsista de Pós-Doutorado da Capes na University of California, Davis.

e à felicidade humana eram deixados de lado. (CHAPPELL, 2015; COTTINGHAM, 2010). Contra esse tipo de orientação, ele fustigou os filósofos de sua época, especialmente Ayer e Hare, que mostravam um *desdém em moralizar*, e insistiu que a filosofia devia dar respostas concretas sobre a estrutura da boa vida, ajudar a pensar no que *é bom ser*, na satisfação humana em uma dada cultura e sociedade, tendo sido acompanhado, nessa direção, por Charles Taylor. (WILLIAMS, 1985; TAYLOR, 1996, p. 10). O que Williams queria, numa palavra, era que a filosofia moral pudesse pensar novamente no que poderíamos dizer, como filósofos, sobre coisas como o bem-viver, o sentido e valor que damos e podemos dar às nossas vidas.

Segundo Bernard Williams, creio que ao comprometer-se com os temas da condução da vida e do bem-viver, a filosofia moral acaba por manifestar sua própria relevância como *ciência humana*, ou seja, como ciência voltada para o conhecimento daqueles aspectos mais gerais de nossa natureza como seres morais, que dividem o mundo com outras pessoas, precisam levar a vida, e podem fazê-lo de modo melhor ou pior. Com efeito, por muitos séculos a conduta da vida foi o tema por excelência do ofício do filósofo. Há ainda hoje resquícios dessa imagem do filósofo como “mestre da vida”, embora outras esferas da cultura venham se ocupando cada vez mais com esse tipo de questão. (MURDOCH, 2013). Lembrar de Thoreau no contexto de recuperação da vocação da filosofia como uma disciplina dedicada à tarefa de elucidar as características fundamentais do bem-viver é quase obrigatório, pois poucos, depois do Sócrates da *Apologia*, ocuparam-se tanto em pensar em como temos levado nossas vidas e em como facilmente esquecemos nossas principais tarefas. E, no entanto, apesar dos milhares de páginas que Thoreau escreveu sobre tais problemas, não é nada fácil caracterizar o que ele tem a nos dizer sobre a condução da vida.

Parte dessas dificuldades estão associadas com o estilo de escrita de Thoreau. Ele não escreveu tratados filosóficos sistemáticos. Escreveu ensaios, relatos, anotações de palestras e, principalmente, milhares de cadernos de notas e reflexões tomadas ao longo de sua vida, ou seja, escritos íntimos que apresentam formulações muito diversas daquelas compreendidas num texto pensado para ser público. Seus textos são, em grande medida, anotações íntimas, uma espécie de busca pessoal pela verdade, que, quando lidas, impõem ao leitor a tarefa exigente de *passar a limpo* sua própria vida, respondendo a si mesmo, de modo honesto e sincero, se seus interesses e inquietações mais profundas são realmente valiosos ou não passam de passatempos, tentativas mal disfarçadas de fugir das “grandes questões”, uma rubrica sob a qual Thoreau abrigava

fundamentalmente uma pergunta central: “como devemos viver?”. Como textos escritos nesse estilo exortativo e de autocultivo, eles apresentam mais propriamente tarefas para o leitor, em vez de respostas acabadas para perguntas filosóficas.

De resto, admitindo aqui os riscos envolvidos em tentar “captar a essência” de um personagem tão refinado e tão avesso às formulações gerais encontradas em textos filosóficos que adotam a forma tradicional do argumento sistemático, creio que há pelo menos dois elementos incontroversos acerca da conduta da vida que saltam aos olhos quando acompanhamos a prosa inspiradora e decorada por imagens inesquecíveis de Thoreau. Os dois elementos que examinarei aparecem frequentemente interligados: apreciar ou viver no presente e alimentar um sentido da vida sempre renovado, de frescor (como o orvalho das manhãs, ele dirá). Esses são dois temas recorrentes nos textos de Thoreau e explorarei cada um deles indiretamente, através de uma outra figura muito comum na sua escrita: a caminhada, a deambulação.

Em 2017 completaram-se 200 anos do nascimento do filósofo norte-americano Henry David Thoreau, em 12 de julho de 1817. Ele tornou-se conhecido no Brasil por seu pensamento revolucionário, seja como um defensor do direito à desobediência civil, seja pela defesa do respeito à natureza, mesmo tendo vivido no auge da expansão do capitalismo industrial. O que poucos tem notado, e que tentarei mostrar aqui, é que Thoreau foi também um desobediente e revolucionário por ter defendido que as caminhadas pelas florestas são uma fonte de cognição moral. É sobretudo essa dimensão moral e menos conhecida de seu pensamento que privilegiarei aqui.

## **2. O corpo e a natureza como fonte de iluminação moral**

Como se sabe, quase todos os textos de Thoreau exploram a figura do movimento físico, o deslocamento corporal. Ele falou e escreveu sobre caminhadas, excursões, passeios, perambulações por matas, brejos e rios. As caminhadas ou incursões são sempre acompanhadas de descrições encantadoras de aspectos da natureza como a mudança das estações, a luz e a névoa, o amanhecer e o anoitecer, o céu, as estrelas, as penas e peles, as cores e sons, cascas, flores, frutos e plantas. Os deslocamentos de Thoreau são, em grande medida, passeios no mundo selvagem, na natureza intocada ou quase intocada. Thoreau compreendia essas incursões como uma forma privilegiada de obter intuições sobre como nossa vida seria melhor vivida, menos desperdiçada, uma estratégia rica de *pensar* nossas vidas presentes. As caminhadas envolvem, diferente

do estudo filosófico em espaços protegidos, riscos como o cansaço, emoções e sensações corporais diversas, e também afetos positivos como o deslumbramento e as experiências de fluxo. Experiências de fluxo são experiências de integração entre indivíduo e ação, um tipo de ação eficiente em que mente e mundo se integram, como que anulando as perspectivas usuais de afastamento e exterioridade adotadas pela mente inquieta, que julga “de fora” aquilo que vivenciamos. Ver nas caminhadas e naquilo que descobrimos nelas um requisito necessário para a aprendizagem moral é uma inovação de Thoreau. Explico: foi enfatizado por uma longa série de filósofos e teólogos que exercícios reflexivos, orações, penitências, monólogo interior, exame de consciência e atividades semelhantes são fundamentais para o aprimoramento moral humano e para a cognição moral.

Descartes famosamente propôs nas suas *Meditações* um tipo de exercício dessa natureza. Ele propôs que suas seis meditações fossem lidas de maneira muito cuidadosa, uma por dia, repetindo e retomando, sempre que necessário, a leitura, pois a meditação cuidadosa, lenta e atenciosa, prepararia o caminho para a compreensão de verdades que não seriam acessíveis de outra forma naquele contexto intelectual. (WILLIGES, 2007). Não só isso. Ele também viu na realização do percurso meditativo, intelectualmente engajado e exigente, que leva à apreensão da “luz imensa da verdade”, um estágio necessário para conquistar o conhecimento moral, a sabedoria e felicidade, o último e mais elevado fruto da árvore do conhecimento. Nesse aspecto, os exercícios mentais contidos nas *Meditações* (desconfiar dos sentidos, supor que sonhamos, que há um Deus mau) foram pensados como parte do esforço necessário para atingirmos “o último grau da sabedoria”, a sabedoria de viver, aquele tipo de conhecimento que nos leva a um estado de maior felicidade e satisfação. (COTTINGHAM, 1998). As meditações teóricas de Descartes podem ser lidas, nesse sentido, como um passo necessário para a obtenção do conhecimento moral, um passo que exige o isolamento do corpo e a tentativa de enfraquecer nossa confiança nos sentidos corporais (como a hipótese do sonho deixa bastante claro).

O que exercícios espirituais de Descartes revelam sobre o Thoreau desobediente? Aqui é relevante reconhecer que o conhecimento da verdade teórica é, para Descartes, *experiential*: só aquele que realiza o exercício corretamente conquista o conhecimento prometido. Há uma valorização do corpo como um intermediário na conquista do saber moral. Esse valor é, contudo, limitado, pois o contato com a verdade exige um afastamento gradual do domínio sensível. Suspeito que, assim como Descartes, a imensa maioria dos filósofos viu a corporeidade como relevante para o conheci-

mento e transformação moral, mas sempre num papel coadjuvante. O buscador moral, o praticante que deseja aprimorar-se na arte de viver, precisa passar por certas vivências corporais, mas a verdade prática mesma só se deixa ver ou só brilha quando nos distanciamos ou separamos do mundo sensível e natural; ela exige um mergulho completo em si mesmo, que poderia ter como apoio certos gestos e posições corporais, mas que inegavelmente terminaria por deixar o mundo *para trás*. Até onde tenho notícia, os filósofos morais, antes de Thoreau, nunca levaram a sério a ideia de um tipo de cognição moral profundamente dependente dos aspectos em que o corpo interage com o ambiente, nunca acreditaram que há certas aprendizagens morais que só podem ser adquiridas numa *interação fisicamente vivida* com o mundo exterior, do tipo que pode ser encontrada no banho num lago ou na escalada de montanhas ou rochas.

A suposição que estou disposto a defender aqui, e essa é a novidade desobediente e radical de Thoreau, é que esses processos corporais peculiares e vívidos estão profundamente entrelaçados na cognição moral: informações relevantes sobre a condução da vida e sobre o bem-viver só podem ser adquiridas colocando nosso corpo sob certas condições radicais, mediante certos desafios corporais, que incluem (e não excluem) o ambiente, que interagem com o mundo e demandam energia e movimento físico. O tipo de verdade moral que Thoreau quer ensinar pressupõe, para sua internalização e apreensão, experiências sensório-motoras, ou, posto de modo mais direto, as lições morais são lições com um forte componente sensório-motor e afetivo despertado em contato com a natureza. Vejamos isso com mais detalhes.

### **3. Instantes de vida pura: cognição moral e absorção no presente**

A tese de que o corpo tem um papel fundamental e destacado para a cognição moral pode ser interpretada de duas maneiras. Em sentido forte, podemos considerar o corpo e experiências corporificadas como condição necessária e suficiente para o conhecimento moral, como tem sido sustentado na tradição contemporânea da cognição corporificada. Num sentido mais fraco, experiências corporais são condição necessária, porém não suficiente, para detectar aquilo que é bom e merece ser cultivado em nossas vidas. A tese forte é uma tese em ciência cognitiva e filosofia da mente que sustenta que a cognição é corporificada “quando for profundamente dependente de características do corpo físico de um agente, isto é, quando aspectos do corpo do agente, além do cérebro, desempenham uma função constitutiva (causal ou física) no processo cognitivo. (WILSON; FOGLIA, 2017, p. 1).

Vários processos cognitivos, dentre os quais a percepção visual, a memória e o domínio de conceitos linguísticos, são concebidos, entre os defensores da cognição corporificada, como *skills* ou habilidades de interação com o mundo que dependem fortemente de como partes de nosso corpo e outros mecanismos não-representacionais interagem com o ambiente, formando os itens da consciência visual, da memória e do nosso repertório linguístico. (WILSON; FOGLIA, 2017). No caso da moralidade, tem ganhado proeminência a afirmação de que “as sugestões do próprio corpo e reações afetivas (como náusea e excitação) guiam e constroem processos cognitivos nos domínios sociais e morais” [...] sugerindo que “déficits dramáticos ocorrem quando sujeitos não exibem ou não fazem uso dessas sugestões e reações”. (WILSON; FOGLIA, 2017, p. 45-46).

Segundo Wilson e Foglia, estudos empíricos da prática de fazer juízos morais sobre o certo e errado mostram que se “as reações afetivas desempenham uma função abrangente nos juízos morais, uma função que foge (e é, de fato, mascarada pela) consciência reflexiva”, então “segue-se que a cognição moral é estruturada e constrangida por ‘emoções viscerais’, em vez de ser o produto do raciocínio abstrato” (WILSON; FOGLIA, 2017, p. 45-46). Dito de outro modo, a tese que vem sendo defendida pela tradição contemporânea da “cognição corporificada” é que partes importantes de nossa paisagem moral (as coisas que consideramos boas ou más, por exemplo) não são definidas por processos de pensamento abstrato, mas estão associadas com reações corporais e emocionais automáticas. O intelecto teria, assim, uma função secundária, de buscar razões para fundamentar aquilo que o “coração” havia previamente escolhido<sup>2</sup>.

A tese forte do corpo e das emoções como condição necessária e suficiente para a apreensão daquilo que é moralmente valioso não me parece poder ser coerentemente aplicada a Thoreau, mas ela pode ser admitida na leitura do papel do corpo na apreensão de objetos na percepção e na estruturação da experiência em geral. Russell Goodman (2012) desenvolveu uma leitura muito rica da caminhada de Thoreau que segue essas linhas. Ele afirma que o corpo (e não a mente na forma da unidade da apercepção kantiana ou o “eu penso” cartesiano) tem, para Thoreau, uma função unificadora da experiência “através do lidar absorvido com o mundo”. (GOODMAN, 2012, p. 34). Goodman sustenta, seguindo Dreyfus e Todes, que nós nos sentimos em casa no mundo pelo movimento, orga-

---

2 O artigo clássico de Jonathan Haidt “The Emotional Dog and its Rational Tail: A Social Intuitionist Approach to Moral Judgment” apresenta um conjunto de experimentos que ajudam a entender essa tese.

nizando um campo espaço-temporal estável em que usamos nossas habilidades corporais para delimitar os objetos determináveis que aparecem nesse campo. A coordenação e o movimento dirigido de nossos corpos no mundo (poise), como a habilidade de pegar uma bola de baseball, é uma apreensão cognitiva, pois nos coloca cognitivamente (knowingly) em contato com os objetos ao redor. E Goodman acrescenta, mencionando particularmente as caminhadas de Thoreau: “elas são uma forma de efetividade, uma apreensão equilibrada (poised achievement) de objetos – os sapos, as folhas, o vento – que se apresentam a si mesmos à sua sensibilidade encantada. Ele está cognitivamente em contato com as pedras em que caminha, o vento frio que sopra nas mangas da sua camisa, os sons da vida no lago” (GOODMAN, 2012, p. 36). A cognição aqui é entendida pelo tipo de habilidade prática reveladora e dependente da relação que o corpo mantém com os objetos no espaço. A caminhada de Thoreau nas margens de Walden Pond faz, nesse sentido, “com que nos sintamos em casa no mundo mediante a determinação do caráter específico desta brisa fria, dessas rãs-touro, desta luz da noite”. (GOODMAN, 2012, p. 34-35). Ao caracterizar sua experiência e apreensão do mundo ao redor como intrinsecamente ligada à caminhada, Thoreau descreve a si mesmo, diz Goodman, não do ponto de vista do olho divino e nem de um ponto de vista meramente particular, mas de um ponto de vista corporificado, que é uma forma de discernir o caráter determinado de cada coisa. (GOODMAN, 2012).

A tese de Goodman aplica-se corretamente para a apreensão de objetos físicos que permitem a interação habilidosa (skill) corpo-ambiente<sup>3</sup>. No caso da cognição moral, há vasta evidência para sustentar que Thoreau se distancia das abordagens tradicionais, associando a iluminação moral a processos de absorção corporificada, mas isso ainda não é suficiente para assumir que verdades morais são *skills* ou apreensões puramente corporais. A ousadia de Thoreau não deixa de ser surpreendente, contudo. Afinal, o que está sendo proposto é um modelo de cogni-

3 O Prof. Robert Harrison, em sua coluna no número 17, de agosto de 2017, do *The New York Review of Books* também sugere algo nessa direção. Ele diz o seguinte: In the contact between his own body and America's forests, meadows, lakes, rivers, mountains, and animals, Thoreau discovered what he called "hard matter in its home." That home was the "hard bottom" or "reality" that we crave. "I stand in awe of my body, this matter to which I am bound," he wrote in his journal. "Daily to be shown matter, to come in contact with it, –rocks, trees, wind on our cheeks!... *Contact! Contact!*". Acesso em: 10/08/2017. No entanto, dando atenção às críticas agudas do meu colega e amigo Eros Carvalho, não defendo que, para Thoreau, a cognição moral seja corporificada. De todo modo, devo registrar que a leitura de Russell Goodman argumenta de modo convincente que a concepção da cognição corporificada, se não pode ser aplicada para a cognição moral, encontra apoio na forma como skills atuam na determinação e apreensão de objetos do ambiente.

ção moral que resulta de processos perceptivos, afetivos e de imaginação atuando em coordenação com processos reflexivos e não de forma subordinada. Apenas para citar um exemplo, a experiência corporal de caminhar na terra ou rastejar no terreno, que Thoreau explora, como se seu corpo mantivesse um caso de amor com a terra, está inexoravelmente ligada à sabedoria moral. A experiência corpórea não atua sozinha, no entanto, pois a estrutura normativa dos componentes do bem-viver é dada pelo modo como certos estados afetivos, pensamentos e exercícios imaginativos (disparados, por exemplo, pela visão de animais ou do céu ou ouvindo sons da natureza) atuam na mente em coordenação com as próprias experiências sensoriais.

Thoreau promoveu, nessa medida, uma integração ou aproximação entre processos reflexivos e afetivos, perceptivos e imaginativos na apreensão do valor. *Emoções episódicas* reveladas no contato com a natureza como a “surpresa/admiração” (wonder), disparadas quando vemos, por exemplo, um antílope pastando e o sentimento de reverência ou elevação (bliss) ao contemplar as cores do céu [A verdadeira colheita do meu dia a dia é algo de tão intangível e indescritível como os matizes da aurora e do crepúsculo. O que tenho em mãos é um pouco de poeira de estrelas e um fragmento do arco-íris (2001, p. 212).], e também *experiências visuais* (as árvores, campinas, a visão aberta no topo das montanhas), *tatéis* (como o vento no rosto ou a rugosidade das pedras e da casca das árvores ou a delicadeza e calor da água), *auditivas* (o zunido do mosquito ou o canto de um pássaro) *gustativas, olfativas e proprioceptivas*, formam um estado misto (caracterizado pelo refinamento cognitivo do sensível) que é a fonte da aparência normativa, daquilo que na vida é bom e autêntico. É esse conjunto de habilidades perceptivas, afetivas, de pensamento e imaginação que atua no andarilho, o sujeito moral da filosofia de Thoreau, para a apreensão de verdades sobre o sentido mais profundo do viver. Oferecerei, a seguir, algumas evidências a favor dessa leitura.

A primeira tentativa de articulação dessa tese que reconheço em Thoreau encontra-se numa passagem de *Walking* onde ele compara o homem com um animal. Ele menciona aqui, particularmente, o antílope selvagem, mas há outras passagens, na *Vida sem Princípios*, onde ele reclama para o homem a serenidade das rochas e plantas:

Eu gostaria que cada homem fosse assim como um antílope selvagem: tão parte e tão parcela da natureza que sua própria pessoa nos alertaria docemente os sentidos para sua presença, que saberíamos de pronto que partes da natureza ele costuma frequentar. (THOREAU, 1986, p. 97).

Eu tomo a imagem do antílope descrita aqui como reveladora do tipo de unidade plena que ele gostaria que manifestássemos com nossa própria presença. O que é notável na visão do antílope ou um veado campeiro, para tomar uma imagem mais próxima da realidade brasileira, ao toparmos com sua presença em meio à natureza, é sua integração ou unidade; não precisamos de nenhum tipo de *mind-reading* para apreender toda sua significação. Ora, é justamente esse sentido de experiência integral, de *presentidade*, de autorrevelação imediata e possível de nossa realidade que é captado nos passeios pelas florestas. Antílopes são autônomos, uma unidade em si. Humanos são relacionais e vivem por fragmentos. “Os melhores homens que conheço não são serenos, não são um universo autônomo”, diz Thoreau, em *Vida sem Princípios*. Os homens se deixam conhecer por projetos, intenções, nomes ou reputação e nunca pela sua própria presença. Intenções, projetos, são coisas que remetem ao futuro; reputação, nome, são atributos relacionais. A submissão da consciência à temporalidade rouba a integridade da vida e da experiência. Essa integridade aparece de forma plena na natureza e no domínio animal. O antílope não é um ser de relação, é uma unidade em si; tampouco é orientado ao futuro; ele está inteiro no presente. Ele é em si mesmo.

Nossa experiência, ao contrário, tem sido normalmente vivida como uma experiência fragmentada. Concebemos e projetamos nossas vidas de modo linear, como flechas que apontam para um alvo jogado no futuro. Viver na cultura contemporânea e industrial (nossa e da época de Thoreau) consiste, em grande parte, em ter um objetivo para ser alcançado, em fazer projetos e vigiar um bem futuro. Se o objetivo aponta para futuro, o presente torna-se relativo, e faz as pessoas avaliarem seus dias de forma instrumental: o “eu” aparece como um ponto a partir do qual traçamos estratégias de curto, médio e longo prazo e a vida do eu é o que transcorre entre passado e futuro, mas nunca está inteira num ponto específico ou momento particular do tempo. Felicidade e satisfação são vistas essencialmente como efetivação de propósitos pré-dados e a tristeza e dor deriva da frustração de expectativas geradas.

A imagem do Antílope, sua cor viva, a brancura do peito, a postura, a placidez do olhar, se articula com a caminhada e propõe a economia dos “instantes de vida pura”<sup>4</sup>. Nada de uma experiência neurótica, desgastada, mas plenitude, unidade. É por isso que Thoreau inicia seu ensaio apresentando uma concepção da caminhada como uma aventura do

---

4 Encontrei essa bela expressão no livro pouco empolgante de Frederic Gros (2010) sobre filósofos e caminhadas.

eu por realizar, um dia para ser desfrutado e não propriamente como uma tarefa que envolve um cálculo de custo x benefício, onde o que se visa é conquistar resultados. A caminhada, ele diz, é a aventura do dia, ela promove a imersão do eu na própria ação, de modo a suprimir a linha do tempo. Caminhar é experimentar instantes de vida pura, é estar inteiro em si mesmo, sem afastamento. Envolve intensidade, como a criança que, quando chora, é puro choro, e também absorção, como a criança que, quando brinca, esquece a fome e a sede, dissolvendo o eu no próprio brinquedo. Não há, nesse sentido, separação, distanciamento, tampouco resultados. Há acontecimentos. Na caminhada de Thoreau, a experiência encerra-se em si mesma, assim como a simples presença do Antílope nos diz tudo sobre ele. Ela é um índice de vida em si. Nesse sentido, é um erro pensar que a caminhada tem um sentido ordinário para Thoreau, como as caminhadas modernas, vistas como atividades para promover a saúde, perder peso ou liberar o estresse. A saúde que as caminhadas de Thoreau promovem é a saúde da alma, nos colocando em contato com as fontes da vida. Como ele diz,

Mas as caminhadas de que estou falando aqui nada têm de parecido com exercícios – é assim que o chamam –, que se parecem com remédios ingeridos pelos doentes de tantas em tantas horas; muito menos com o levantamento de pesos e cadeiras; *uma caminhada é o empreendimento e a aventura do dia*. Se você quer se exercitar, procure as fontes da vida. Imagine um homem cuidando da saúde com levantamento de pesos enquanto borbulham as fontes nos campos longínquos! (THOREAU, 1986, p. 108).

Se a vida aparece plena e inteira no antílope que digere em plena atenção e serenidade seu presente, o eu que convém moralmente conquistar continuamente não é o “eu” que planeja e organiza a experiência “de fora”: é um eu imerso em experiências de fluxo, de pura absorção, um eu que “acontece” quando caminhamos de verdade. As emoções, sensações, percepções visuais, táteis, cheias de vida e intensidade e uma consciência enfraquecida que compõem a caminhada, atuando em conjunto, revelam o valor moral da vida como experiência *do presente*.

Uma formulação alternativa capaz de revelar o peso da inovação de Thoreau consiste em dizer que a consciência assume na caminhada o papel de fluxo experiencial guiado pelo corpo, como numa dança, mais do que propriamente a função de centro hierárquico e organizador da experiência representacional. Esse é o sentido radical de reivindicação da corporeidade que encontramos em Thoreau e que não encontra espaço, até onde sei, na longa tradição de reflexão moral no Ocidente. É esse sentido que, igualmente, faz de Thoreau um autor muito mais

próximo da tradição literária romântica de nomes como Walt Whitman e Samuel Coleridge, do que de filósofos morais como Stuart-Mill ou Kant. Ao registrar o significado moral da vida como um presente intenso e autossuficiente, presente na caminhada, na entrada no bosque, Thoreau revela como os métodos de reflexão moral têm sido aptos a nos distanciar de certo tipo de verdade moral. “Não estou onde meu corpo está, perco o senso das coisas” (THOREAU, 1986, p. 109) é uma observação moral que dificilmente encontraria espaço numa filosofia moral interessada no cálculo da felicidade ou na descoberta de quais atos podem ser universalizados.

Thoreau formula a ideia da presentidade e sua centralidade para o bem-viver numa outra bela passagem de *Walking*, onde é evocada a figura de um galo cantando.

É anacrônica nossa filosofia quando somos incapazes de ouvir o canto do galo em cada terreiro no horizonte. É muito comum que esse som nos recorde que estamos ficando enferrujados e antiquados em nossas atividades e em nossos hábitos de pensamento. A filosofia do galo se liga a um tempo mais recente que o nosso. O canto do galo sugere algo de um testamento ainda mais novo – o evangelho segundo o momento presente. Ele não fica para trás; ele acorda cedo e insiste em viver o agora; estar com ele é estar em harmonia com as estações, no escalão mais avançado do tempo. O canto do galo é uma expressão da saúde e da integridade da Natureza, um desafio ao mundo inteiro – a saúde de um regato cascadeando, de uma nova fonte das Musas, para celebrar o último instante do tempo. (THOREAU, 1986, p. 144).

Aqui reconhecemos, novamente, a conexão entre um tipo exemplar de recurso ao mundo animal (a absorção física e espiritual do galo enquanto canta), com todo seu estoque de emoções (não é difícil imaginar um galo cantando orgulhoso e prazenteiro no seu terreiro) com a revelação do valor da vida no *agora*, sem tédio, angústia ou estranhamento, afirmada em cada instante do tempo. A caminhada, o contato com a natureza e a vida animal não são, nesse sentido específico, protótipos de afastamento do mundo, de isolamento, mesmo quando caminhamos sozinhos. Elas são experiências de aprendizagem e transformação moral profunda, como a experiência do amor e amizade. Mas, diferente do amor e amizade, que são experiências particulares, o mergulho no presente é uma estrutura mais geral, que altera o status das experiências particulares. Por condicionarem eventos e experiências particulares na vida, as experiências de fluxo (como a caminhada) transformam profundamente a perspectiva de avaliação de outros aspectos da vida, dando

a esses eventos e experiências um caráter infinitamente mais significativo do que costumamos reconhecer segundo padrões corriqueiros de autoapreensão<sup>5</sup>.

O bem-viver segundo Thoreau, penso ter tornado claro, envolve um primeiro elemento que é o enfraquecimento das fronteiras entre eu e não-eu, envolve estar profundamente absorto no presente, esquecendo-se do amanhã, dos planos e projetos futuros ou lamentando o passado. Esse elemento é um dos aspectos da ideia de uma vida bem vivida, e não pode ser conhecido por métodos morais que excluem afetos e percepções próprios do contato do corpo com a natureza. Na próxima seção, discutirei a ideia de frescor da alma, um sentido da experiência como algo sempre novo.

#### 4. *Walden* e a jovialidade da vida e da natureza

*Walden* conta a experiência de Thoreau que, aos vinte e oito anos, construiu e foi morar numa cabana à margem do lago Walden, nos arredores de Concord e lá permaneceu por dois anos e dois meses. Como ele diz no parágrafo de abertura: “Aí vivi dois anos e dois meses. Atualmente estou de volta à civilização”. (THOREAU, 2001, p. 17). A mensagem de abertura anuncia um retorno. A menção a um período vivido em meio aos bosques dos arredores de Concord pode induzir o leitor a esperar algo como a descrição de um relato de aventura, uma experiência de vida nos bosques. Mas muito mais do que o relato de uma aventura ou um ensinamento sobre como viver com recursos das florestas, *Walden* quer ser um livro sobre o sentido da vida e o que podemos fazer de melhor nela.

O que podemos, então, esperar de *Walden*? O que ele tem a nos dizer sobre levar a vida? Uma parte da resposta já foi antecipada com a abordagem da caminhada e o consequente valor da imersão no presente, que explorei tendo em mente os ensaios *Walking* e *A vida sem princípios*. O segundo aspecto da vida boa que desejo destacar está associado com o “experimento” de *Walden*. Esse experimento tem sido entendido, por

---

5 Encontrei essa ideia lendo um relato, indicado pelo meu colega César Schirmer dos Santos, de Aventura no Ártico. Nesse relato, a repórter que acompanhou a expedição conta que os dois aventureiros não pensavam estar, naquelas condições extremas, desafiando a morte ao realizar suas aventuras, mas adquirindo uma perspectiva mais apta a revelar as coisas que realmente importam na vida. “Lá no topo do mundo, em meio à fúria dos elementos, as verdades fundamentais haviam se tornado evidentes: as coisas mais importantes na vida são a família, os amigos, a honestidade, a beleza e o amor, e o percurso é de fato mais importante que a chegada – lições que sempre são proveitosas para os seres humanos, e das quais eles jamais se cansam.” (DEL GUIDICE, 2007, p. 112).

muitas gerações de leitores, como um convite para refugiar-se nas florestas, longe dos problemas da vida civil. Mas não há nenhuma tentação misantrópica em Thoreau. Não estamos diante de um novo Rousseau que pretendia apresentar a natureza como um ideal ético de apreensão do homem verdadeiro, do selvagem como sustentáculo da pureza que perdemos em contato com a artificialidade das artes, ciências, filosofia e teologia. Como está claro desde o início, Thoreau *deixou a floresta para trás*<sup>6</sup>. O que ele quer ofertar, então, se não é uma vida retirada, longe do tumulto da *polis*? A resposta mais clara dessa pergunta aparece na *Conclusão* do livro. Lá ele diz:

Deixei os bosques por uma razão tão boa quanto a que me levou para lá. *Talvez por ter me parecido que eu tinha várias vidas para viver, e não podia desperdiçar mais tempo com aquela.* Não quis comprar uma passagem de cabine para poder viajar em frente ao mastro e no convés do mundo, porque de lá podia apreciar melhor o luar entre as montanhas. E não desejo baixar à cabine agora. (THOREAU, 2001, p. 308).

*Walden* convida o leitor a considerar que há muitas vidas para serem vividas, que podemos trilhar muitos caminhos não percorridos. Ele exorta seus leitores a explorarem cheios de confiança novos caminhos, leis superiores àquelas que temos sido fiéis. Ele descreve essa atitude usando expressões como ser “guardião do amanhecer”, um “adorador da aurora”, alguém capaz de preservar o viço e o ânimo renovado que encontramos, como um grande tesouro, estampado na natureza todas as manhãs. Os dias na beira do lago foram parte de uma experiência deliberada de buscar um sentido novo da experiência, e, tendo completado o experimento, Thoreau foi viver outra vida, com a energia de sempre. Como uma outra face da imersão no presente, renovar-se a cada dia, ser jovem, não atravessar caminhos já percorridos, mostrar o mesmo entusiasmo no fim que alimentávamos no início, é uma das principais provas de sabedoria que o livro pretendeu ofertar.

No capítulo *Onde e como vivi*, ele conta que levar a vida no espírito das manhãs tem algo de religioso e heroico. O heroísmo vem de reconhecer o infinito em jogo, no encontro da terra com o céu, desfilando, como nas epopeias gregas, diante dos nossos olhos. É esse fenômeno orques-

6 É difícil precisar o quanto devo, nessa seção, à leitura da excelente tese de doutorado de Eduardo Vicentini de Medeiros (2015) sobre moralidade e identidade ficcional em Thoreau. Recomendo que o que está sendo dito aqui seja complementado com a leitura de seu trabalho, de muito mais fôlego e precisão, do que as notas rápidas que aqui são apresentadas.

tral que perdemos na vida asfíxiada das cidades e, de modo geral, quando abandonamos a jovialidade no viver que ele recomenda.

Cada manhã era um aliciante convite para tornar a vida igualmente simples e, digo até, inocente como a própria Natureza. Tenho sido, como os gregos, sincero adorador da Aurora. Levantava-me cedo e tomava banho no lago; uma espécie de exercício religioso e uma das melhores coisas que já fiz. Contam que na banheira do rei Tching-thang havia mensagens gravadas com esse objetivo: *renova-te completamente a cada dia; renova-te outra vez, e outra vez, e sempre outra vez*. Entendo a mensagem. A manhã me traz de volta os tempos heroicos. Tocava-me tanto o zumbido tonto de um mosquito em passeio invisível e inimaginável através de meu aposento ao amanhecer, quando me sentava de porta e janelas abertas, quanto me tocava qualquer trombeta celebrando a fama. Era o réquiem de Homero, em si mesmo uma *Iliada* e *Odisseia* em pleno ar, cantando as próprias iras e viagens. Havia algo de cósmico nisso tudo; um anúncio constante, até que o proibam, do vigor e fecundidade perenes do mundo. Pouco se pode esperar do dia, se a isto se pode chamar de dia, para o qual não fomos acordados por nosso espírito, e sim pelas cutucadas mecânicas de um criado, para o qual não fomos acordados por nossas próprias forças recém-adquiridas e aspirações íntimas, acompanhadas de ondulações de música celestial em vez de sirenes de fábricas. (THOREAU, 2001, p. 93-94).

As menções de Thoreau ao vigor e heroísmo que encontramos guardados nas manhãs em meio à natureza são uma afirmação contundente, como no eterno retorno de Nietzsche, da vida. A vida só é vivida verdadeiramente no espírito ou disposição de aceitar os dias de alma limpa, de viver sem arrependimento, de peito aberto, como as águas que fluem refrescantes num rio. O contrário dessa atitude é o que ele chama de sono. Parte da transformação moral que ele propõe pode ser resumida na fórmula: abandone o sono. “É manhã quando acordo e há em mim um amanhecer. Reforma moral é o esforço de abandonar o sono.” (THOREAU, 2001, p. 94). Galos e antílopes são as imagens que Thoreau usa para chamar nossa atenção ao presente. Manhãs, primaveras de vigor e renovação são as imagens que Thoreau utiliza para anunciar um tipo de bem-viver que consiste em fazer de nossas vidas um dia nascendo, uma manhã.

Se o dia e a noite são de tal natureza que vós os saudais com alegria, se a vida emite uma fragrância de flores e ervas aromáticas e se torna mais elástica, mais cintilante e mais imortal – eis aí vosso êxito. Os maiores lucros e valores estão ainda mais longe de serem apreciados. Chegamos facilmente a duvidar de que existam. Logo os esquecemos. Constituem, entretanto, a realidade mais elevada. A verdadeira colheita do meu dia a dia é algo de tão intangível e indiscutível como os matizes da aurora e do crepúsculo. O que tenho em

mãos é um pouco de poeira de estrelas e um fragmento do arco-iris. (THOREAU, 2001, p. 212).

Como espero ter tornado claro aqui, um segundo aspecto do bem-viver, associado com a caminhada em meio à natureza, é manter vivo o frescor da vida, alimentar a jovialidade em nós. Ao chamar a atenção para esse aspecto, Thoreau pretendeu retomar a virtude da inocência. A inocência é a virtude das crianças, de Adão e todos os seres que veem o mundo pela primeira vez. A inocência tem sido associada com a falta de maldade. Em Thoreau, ela tem o sentido de ausência de cansaço, de ânimo e disposição, de ter olhos sempre novos, descansados.

Tendo assentado os aspectos da imersão no presente e da alegria e jovialidade diante da vida, os quais me parecem claramente vinculados às experiências corporais de convívio e contato com a natureza, quero agora avançar uma interpretação de como essas ideias podem ser entendidas numa roupagem mais contemporânea. O recurso aqui será um outro texto de Mark Rowlands.

## 5. Um epílogo: Rowlands e seu lobo

Experiências corporais que integram corpo-ambiente, como as caminhadas e outras formas mais radicais de contato com a natureza, são experiências que nos colocam num estado peculiar de consciência, que esvaziam a mente e focam o presente. O estado que experimentamos nesses casos tem sido chamado de *estado de fluxo*, pois ele promove uma imersão do eu na prática realizada, um estado de fusão de consciência e ação, que pode também ser experimentado noutros contextos, como na arte ou escrita, mas é mais comum em atividades físicas que exigem grande esforço e concentração, como o alpinismo, o surfe ou a corrida<sup>7</sup>.

7 A passagem de Krakauer a seguir dá uma ideia do que acontece escalando uma montanha gelada: "No começo de uma escalada difícil, em especial se estamos sozinhos, sentimos constantemente o abismo puxando em nossas costas. Resistir a isso exige um tremendo esforço consciente: não se pode baixar a guarda um instante. O canto da sereia do vazio deixa-nos ansiosos, torna nossos movimentos tateantes, desajeitados, aos trancos e barrancos. Mas, à medida que a escalada prossegue, acostumamo-nos com a exposição, a conviver com o destino, e começamos a acreditar na capacidade de nossas mãos, pés e cabeça. Aprendemos a confiar em nosso autocontrole. Logo nossa atenção fica tão concentrada que não notamos mais os nós dos dedos esfolados, as câibras nas pernas, a tensão de manter concentração constante. Um estado semelhante ao transe cai sobre nossos esforços; a escalada torna-se um sonho de olhos abertos. As horas passam como se fossem minutos. O acervo acumulado da existência cotidiana – os lapsos da consciência, as contas não pagas, as oportunidades perdidas, a poeira sob o sofá, a inescapável prisão de seus genes – tudo isso é temporariamente esquecido, excluído de nossos pensamentos pela claridade avassaladora do objetivo e pela gravidade da tarefa em execução". (KRAKAUER, 1998, p. 175).

Experiências desse tipo são incomuns em nossos cotidianos agitados. Olhar a vida com ânimo sempre renovado também. Geralmente, levamos a vida num “desespero calado”, como dizia Thoreau, repetindo no mundo os caminhos de ratos nervosos presos numa gaiola. Talvez a principal lição da filosofia de Thoreau encontre-se na severa exigência de mantermos abertos os canais para o cultivo de um eu ou tipo de vida diferente daquele que temos vivido. Nós podemos ler, como filósofos, esse tipo de exortação de forma poética, mas eu gostaria de propor aqui uma leitura mais realista, associada com experiências de convívio e cuidado de animais domésticos. Minha sugestão será baseada num relato de convívio diário, por 11 anos, entre o professor de filosofia da Universidade de Miami, Mark Rowlands, e seu lobo Brenin e, em parte, em minha própria experiência caminhando com Kadu, meu labrador, nos poteiros de Santa Maria. Apesar da história não poder ser equiparada ao experimento de Thoreau em *Walden*, afinal Brenin era um lobo domesticado e, mesmo que eles e eu e Kadu tenhamos passado muito tempo correndo em lavouras e poteiros, há muita diferença em relação ao contato de Thoreau com a natureza intocada. Contudo, reconhecendo os limites da comparação, procurarei destacar uns poucos aspectos em que as duas formas de caminhada (a caminhada com um cão e a caminhada na floresta) podem ser aproximadas.

Em primeiro lugar, é importante lembrar que o livro de Rowland, *O filósofo e o lobo*, é filosoficamente relevante nesse contexto, pois retrata um tipo de experiência muito comum na vida moderna: a experiência de conviver com um animal doméstico. A experiência de dividir a vida com animais de estimação é muito particular (varia de um caso para outro) e possui dimensões sutis e outras menos relevantes. É importante também reconhecer que as sugestões que farei a seguir não são válidas para todos os tipos de cães e provavelmente menos ainda para outras espécies de animais, embora talvez possa encontrar algum paralelo na amizade com patos, porcos, ovelhas, cavalos, coelhos ou vacas, que também são amigos curiosos e bons companheiros. Descontando essas vênias, o convívio com animais pode, deve e frequentemente se fortalece em experiências de parceria que, aos poucos, adquirem o status de grande envolvimento e amizade, numa sintonia entre o humano e o animal que tem um significado existencial e moral revelador, que sustentarei ser bastante próximo das caminhadas de Thoreau.

Ademais, o livro de Rowlands é relevante também por sua capacidade de apreensão da ‘atmosfera’ da amizade e amor especial que pode ser estabelecida entre um humano e um animal. De fato, Rowlands caracteriza a riqueza e profundidade da amizade com seu lobo Brenin como uma

vivência que permitiu que ele compreendesse ‘muito do que sabe’ sobre a vida e seu significado (2008, p. 46). É esse ponto que quero explorar mais aqui, pois só assim ficará clara a aproximação com as lições morais de Thoreau.

Rowlands lembra que uma das coisas que aprendeu com seu amigo foi sorver o presente, “sem expectativas e amanhã”. Ele descreve essa experiência numa imagem muito bonita do dia que resolveu oferecer pão com chocolate ao seu lobo e dois cães que havia adotado. “Suponha que eu o leve à mesma praia todos os dias, durante um ano, tomando o mesmo caminho e fazendo as mesmas coisas. Logo você cansaria. Assim somos nós, humanos”, ele diz. Mas com cães, o que acontece é completamente diferente.

Você deveria ter visto os rostos dos meus três cães quando comecei a dividir com eles, todas as manhãs, os *pains au chocolat*. A trêmula antecipação, os rios de saliva, a concentração tão intensa que era dolorosa. No que lhes dizia respeito, poderiam comer *pains au chocolat* por toda a eternidade. Para eles, o momento em que suas mandíbulas se cravam no *pain au chocolat* era completo em si mesmo, não adulterado por quaisquer outros momentos possíveis, espalhados ao longo do tempo. Não poderia ser aumentado nem diminuído pelo que viera antes e pelo que ainda estava por vir. Para nós, nenhum momento é completo em si mesmo. Todos os momentos são adulterados, maculados por nossas lembranças do que aconteceu e por nossa antecipação do que acontecerá. (ROWLANDS, 2008, p. 181).

Eu suponho que qualquer pessoa que tenha, em algum momento, procurado entender e interagir com seu animal num nível não ordinário, de respeito e amor, também tenha chegado à mesma conclusão. Cães são animais particularmente propícios a permitir esse tipo de experiência. Em parte, porque eles precisam passear em espaços abertos, como parques e campos, o que nos faz estabelecer relações de intimidade específicas, como a proteção e integração. E gradualmente essas experiências de integração vão adquirindo um estatuto de irmandade e envolvimento, criando, no mais das vezes, sintonias especiais que alteram o sentido da rotina comum. Se repetimos um passeio com um cão por várias vezes, notamos sua alegria infinita e ela passa a ser nossa alegria, pois estamos juntos, somos parte um do outro. É importante aqui notar que a repetição é indispensável. É ela que aprofunda o contato e lentamente se desfaz como ordinariade, situando-nos numa atmosfera que se aproxima da imagem da anulação do tempo de Thoreau. Nessas horas, a imagem de nossos eus como condutores da vida numa tri-

lha ou numa linha que caminha inexoravelmente para um fim é substituída por um tipo de absorção completa no passeio, um tipo de estado de anulação do tempo e da consciência e de integração completa entre amigos. Nós entendemos o valor da vida como estar exatamente onde estamos. Rowlands descreve essa ideia quando associa seus passeios e correrias com Brenin nos campos de cevada com a descoberta do significado da vida. Brenin ensinou a ele que “o significado da vida de alguém pode estar espalhado em sua vida, como grãos de cevada nos campos de Knockduff na época da colheita. O significado da vida pode ser encontrado em seus momentos mais elevados. Cada um destes momentos é completo em si mesmo e não precisa de outros para ter significado e justificativa”. (ROWLANDS, 2008, p. 184-185).

Em outras palavras, o que ele diz é que a vida tem altos e baixos, mas é nas experiências simples, como a vivência de uma amizade profunda (representada aqui pelo cuidado afetuoso e de rotinas repetidas com animais), que temos uma imagem do que é significativo e valioso na vida. A percepção da importância desse tipo de experiência é difícil em nosso cotidiano moderno e atribulado. Geralmente estamos absorvidos por compromissos e urgências. Além disso, elas envolvem mecanismos de repetição e decepção, são extenuantes e tensas, como acontece quando descobrimos que um cachorro pode roer uma casa inteira, entrar no lodo e precisar ser carregado sujo no carro ou sacudir a sujeira em nossas roupas. Ao mesmo tempo, se estivermos atentos, perceberemos que elas ofertam lições de caráter intuitivo e profundo, da natureza do cuidado, da amizade ou do amor, que dão um sentido inaudito e significativo à vida, que, sem esses laços, não seria apreendido. Essas experiências mostram, como explica Rowlands (2008, p. 15), que “ver a vida como um processo de avaliar probabilidades e computar possibilidades, para usar os resultados desses cálculos em benefício próprio”, são falsas medidas. O lobo de Rowlands exigia toda atenção do mundo, todos os cuidados, por suas confusões e necessidades de animal exigente. E, no entanto, foi através dele que Rowlands aprendeu que “as coisas mais importantes da vida nunca são uma questão de cálculo. Ele nos lembra de que as coisas de real valor não podem ser quantificadas ou negociadas”. (ROWLANDS, 2008, p. 16-17). São coisas cujo valor advém de as estarmos vivenciando, experimentando, de estarem aí e nós junto delas.

Minha conclusão, seguindo Thoreau e Rowlands, é que as experiências de absorção, de enfraquecimento da consciência em favor de uma experiência de envolvimento sem controle reflexivo, experiências como desfrutar o dia correndo pelo campo com um amigo ou caminhando em montanhas, são exemplos precisos de como a cognição moral não está restrita a processos reflexivos extenuantes, que elementos substantivos

do bem-viver podem ser descobertos por práticas que ativam nossa sensibilidade, colocando o eu meditativo, o corpo e a natureza em sintonia. Dando voz às críticas de Williams, creio que numa época em que a filosofia tem evitado pensar sobre como bem conduzir a nós mesmos, seria um bom começo se pudéssemos testar essas estratégias. Sozinhos ou acompanhados, caminhai!

**Referências Bibliográficas:**

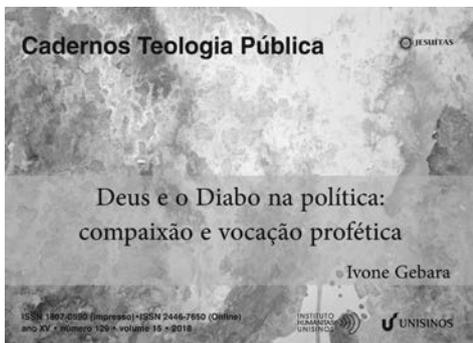
- CHAPPELL, S. G., “Bernard Williams”, *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring 2015 Edition), Edward N. Zalta (ed.). Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/spr2015/entries/williams-bernard/>>.
- COTTINGHAM, J. *Philosophy and the good life: Reason and the passions in greek, cartesian and psychoanalytic ethics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- COTTINGHAM, J. *A dimensão espiritual: religião, filosofia e valor*. São Paulo: Loyola, 2010.
- DEL GUIDICE, M. Nas Trevas do Ártico. *National Geografic Brasil*, Jan. 2007.
- EMERSON, R. W. *Ensaíos*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- GOODMAN, R. Thoreau and the Body. In: FURTAK, R.; ELLSWORTH, J.; REID, J. D. *Thoreau's importance for philosophy*. New York: Fordham University Press, 2012. p. 31-42
- GROS, F. *Caminhar: uma filosofia*. São Paulo: É Editora, 2010.
- KRAKAUER, J. *No ar rarefeito*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- KRAKAUER, J. *Na Natureza Selvagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MURAKAMI, H. *Do que eu falo quando eu falo de corrida*. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2007.
- MEDEIROS, E. V. *Thoreau: moralidade em primeira pessoa*. Tese de Doutorado-Programa de Pós-Graduação da UFRGS. 2015. Disponível em: <[https://www.academia.edu/25330483/Thoreau\\_Moralidade\\_em\\_Primeira\\_Pessoa](https://www.academia.edu/25330483/Thoreau_Moralidade_em_Primeira_Pessoa)>.
- MURDOCH, I. *A soberania do bem*. São Paulo: Editora da Unesp, 2013.
- THOREAU, H. D. *Walden ou A vida nos Bosques*. Tradução Astrid Cabral. Rio de Janeiro: Aquariana, 2001.
- THOREAU, H. D. A vida sem princípios e caminhando. In: *Desobecendo: A desobediência civil & outros escritos*. Tradução de José Drummond. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- ROWLANDS, M. *O filósofo e o lobo: lições da natureza sobre amor, morte e felicidade*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- TAYLOR, C. Iris Murdoch and Moral Philosophy. In: ANTONACCIO, M.; SCHWEIKER, W. *Iris Murdoch and the Search for Human Goodness*. Chicago: University of Chicago Press, 1996, p. 3-28.
- WILLIAMS, B. *Morality: An Introduction to Ethics*, Cambridge: Cambridge University Press, 1972.
- WILLIAMS, B. *Ethics and the Limits of Philosophy*, London: Fontana, 1985.
- WILLIAMS, B. *Shame and Necessity*. Berkeley: University of California Press, 1993.
- WILLIAMS, B. Persons, character and morality. In: *The identity of persons*. Edited by Amelie Rorty. Berkeley: University of California Press, 1976.
- WILLIGES, F. A função das dúvidas céticas nas Meditações de Descartes. *Curitiba, Dois Pontos*, 2007, p. 103-118.
- WILSON, R. A.; FOGLIA, L., “Embodied Cognition”, *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring 2017 Edition), Edward N. Zalta (ed.). Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/spr2017/entries/embodied-cognition/>>.

## Publicações do Instituto Humanitas Unisinos



Nº 48 – *Mineração e o impulso à desigualdade: impactos ambientais e sociais*

Cadernos IHU em formação é uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que reúne entrevistas e artigos sobre o mesmo tema, já divulgados na revista *IHU On-Line* e nos Cadernos IHU ideias. Desse modo, queremos facilitar a discussão na academia e fora dela, sobre temas considerados de fronteira, relacionados com a ética, o trabalho, a teologia pública, a filosofia, a política, a economia, a literatura, os movimentos sociais etc., que caracterizam o Instituto Humanitas Unisinos – IHU.



Nº 129 – *Deus e o Diabo na política: compaixão e vocação profética* – Ivone Gebara

A publicação dos Cadernos Teologia Pública, sob a responsabilidade do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, quer ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A Teologia Pública busca articular a reflexão teológica em diálogo com as ciências, as culturas e as religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Procura-se, assim, a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade hoje, especialmente a exclusão socioeconômica de imensas camadas da população, constituem o horizonte da teologia pública. Os Cadernos Teologia Pública se inscrevem nesta perspectiva.



Nº 53 – *Por Onde Navegam? Estudo sobre jovens e adolescentes do Ensino Médio de São Leopoldo e Novo Hamburgo* – Hilário Dick, José Silon Ferreira & Luis Alexandre Cerveira

Os Cadernos IHU divulgam pesquisas produzidas por professores/pesquisadores e por alunos dos cursos de Pós-Graduação, bem como trabalhos de conclusão de acadêmicos dos cursos de Graduação. Os artigos publicados abordam os temas ética, trabalho e teologia pública, que correspondem aos eixos do Instituto Humanitas Unisinos – IHU.



Nº 267 – *O que resta da ditadura?* – Giuseppe Tosi

Os Cadernos IHU ideias apresentam artigos produzidos pelos convidados-palestrantes dos eventos promovidos pelo IHU. A diversidade dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é um dado a ser destacado nesta publicação, além de seu caráter científico e de agradável leitura.

CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Edla Eggert  
*O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo* – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Sonia Montañó
- N. 04 *Emani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Suzana Klipp
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Edison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Débora Krichke Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Lucilda Selli
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Nisia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde* – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – André Gorz
- N. 32 *À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades* – André Sidnei Musskopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Ailton Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 *Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Luiz Mott
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – Adriana Braga
- N. 41 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de "A Teoria da Classe Ociosa"* – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Edison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Gérard Donnadieu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Lothar Schäfer
- N. 46 *"Esta terra tem dono". Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Ceres Karam Brum
- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Gérard Donnadieu
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Evilázio Teixeira
- N. 51 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Éldia Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais* – Thomas Kesselring
- N. 53 *Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral?* – Adriano Naves de Brito
- N. 54 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Fernando Haas
- N. 55 *Atividade da sociedade civil relativa ao desemprego na Europa e no Brasil* – An Vranckx
- N. 56 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Gilberto Dupas
- N. 57 *O decrescimento como condição de uma sociedade convivial* – Serge Latouche
- N. 58 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Günter Küppers
- N. 59 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Hazel Henderson
- N. 60 *Globalização – mas como?* – Karen Gloy
- N. 61 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – Cesar Sanson
- N. 62 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo* – Regina Zilberman
- N. 63 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 64 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Andressa da Silva
- N. 65 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Artur Cesar Isaia
- N. 66 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Léa Freitas Perez
- N. 67 *Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Eliane Cristina Deckmann Fleck

- N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – João Guilherme Barone
- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Ney Lemke
- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Ana Maria Lugão Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Octávio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Arno Alvarez Kern
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão* – Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Biótica* – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Atílio Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: Ibhó Cristina Pompa e Regina Almeida* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnologia* – Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Mari-nês Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Valério Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Roberto Camps Moraes
- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – Adriano Premebida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, temo e democrático?* – Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração* – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – Sonia Montañó
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávoro
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascudo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel*
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira e Ederson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leister
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins

- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borba da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta
- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greyce Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schutz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois"* – Claudia Wasserman
- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaikwá e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmiento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perrou Fortes de Sales
- N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
- N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva
- N. 164 *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
- N. 165 *Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
- N. 167 *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga* – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 *O decrescimento e o sagrado* – Serge Latouche
- N. 169 *A busca de um ethos planetário* – Leonardo Boff
- N. 170 *O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo* – Marco Antonio de Abreu Scapini
- N. 171 *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes* – Gerson Egas Severo
- N. 172 *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais* – Bruno Pucci
- N. 173 *Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral* – João Roberto Barros II
- N. 174 *Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas* – Marcelo Fabri
- N. 175 *Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes* – Lucas Mateus Dalsoto e Everaldo Cescon
- N. 176 *Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas* – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 *Um caminho de educação para a paz segundo Locke* – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 *Crime e sociedade estatal no Brasil: De como la ley es como la serpiente: solo pica a los descalzos* – Lenio Luiz Streck
- N. 179 *Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau* – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 *Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização* – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 *Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade* – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 *Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro* – José Rogério Lopes
- N. 183 *A Europa e a ideia de uma economia civil* – Stefano Zamagni
- N. 184 *Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como "discurso-limite")* – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 *A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade* – Stefano Zamagni
- N. 186 *A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados* – Joseane Maniê Schuck Pinto
- N. 187 *Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil* – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 *Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção* – Luis David Castel
- N. 189 *Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero* – Marlene Tamanini
- N. 190 *Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito* – Claudia Fonseca
- N. 191 *#VEMprARUA: Outono brasileiro? Leituras* – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 *A ciência em ação de Bruno Latour* – Leticia de Luna Freire
- N. 193 *Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica* – Rodrigo Ciconet Domesles
- N. 194 *A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade* – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 *Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica* – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 *A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico* – Adolfo Nicolás
- N. 197 *Brasil: verso e reverso constitucional* – Fábio Konder Comparato
- N. 198 *Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva* – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 *Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI* – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari
- N. 200 *Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia* – Natalia Martnuzzi Castilho

- N. 201 *Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética* – Jordi Maiso
- N. 202 *Fim da Política, do Estado e da cidadania?* – Roberto Romano
- N. 203 *Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania* – Maria da Glória Gohn
- N. 204 *As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend* – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 *Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro* – Fábio Konder Comparato
- N. 206 *Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual* – Karla Saraiva
- N. 207 *Territórios da Paz: Territórios Produtivos?* – Giuseppe Cocco
- N. 208 *Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro* – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 *As possibilidades da Revolução em Elul* – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 *A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben* – Márcia Rosane Junges
- N. 211 *Foucault e a Universalidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo* – Sandra Caponi
- N. 212 *Verdade e História: arqueologia de uma relação* – José D'Assunção Barros
- N. 213 *A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ* – José Odelso Schneider
- N. 214 *Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze* – Sandro Chignola
- N. 215 *Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação* – Alejandro Rosillo Martinez
- N. 216 *A realidade complexa da tecnologia* – Alberto Cupani
- N. 217 *A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend* – Hans Georg Flinkinger
- N. 218 *O ser humano na idade da técnica* – Humberto Galimberti
- N. 219 *A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre* – Halina Macedo Leal
- N. 220 *O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil* – José Eduardo Franco
- N. 221 *Neurofuturos para sociedades de controle* – Timothy Lenoir
- N. 222 *O poder judiciário no Brasil* – Fábio Konder Comparato
- N. 223 *Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão* – Jesús Conill Sancho
- N. 224 *O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867)* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 *O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais* – Xavier Albó
- N. 226 *Justiça e perdão* – Xabier Etxebarria Mauleon
- N. 227 *Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor)* – Martín Almada
- N. 228 *A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo* – Sandro Chignola
- N. 229 *Um olhar biopolítico sobre a bioética* – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 *Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil* – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 *Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida* – Jesús Conill Sancho
- N. 232 *Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul* – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 *Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança* – Elisa Cristine Bevilan
- N. 234 *O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira* – Róber Ilurriet Avila e João Batista Santos Conceição
- N. 235 *Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945)* – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 *Economias Biopolíticas da Dívida* – Michael A. Peters
- N. 237 *Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação* – Halina Macedo Leal
- N. 238 *O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global?* – Leandro Inácio Walter
- N. 239 *Brasil: A dialética da dissimulação* – Fábio Konder Comparato
- N. 240 *O irrepresentável* – Homero Santiago
- N. 241 *O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno* – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 *Uma crise de sentido, ou seja, de direção* – Stefano Zamagni
- N. 243 *Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão* – Dirce Koga
- N. 244 *A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal* – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 *Esquecer o neoliberalismo: aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo* – Moysés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 *O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo* – Andrea Fumagalli
- N. 247 *Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governamento* – Dora Lilia Marin-Diaz
- N. 248 *Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia* – Roberto Romano
- N. 249 *Jesuitas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980)* – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 *A Liberdade Viglada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet* – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 *Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira* – Francini Lube Guizardi
- N. 252 *A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade* – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 *Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades?* – Vinícius Nicastru Honesko
- N. 254 *Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva* – Jean-Bosco Kokozi Kashindi
- N. 255 *Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles* – Marcelo Castañeda
- N. 256 *Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira* – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 *Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização* – Altair Sales Barbosa
- N. 258 *O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder* – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 *Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical?* – Moysés Pinto Neto
- N. 260 *Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre?* – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 *Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo* – Henrique Costa
- N. 262 *As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife* – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 *Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira* – Sauro Bellezza
- N. 264 *Saúde e Igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS)* – Stela N. Meneghel
- N. 265 *Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum* – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 *Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos* – Aline Albuquerque
- N. 267 *O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil* – Giuseppe Tosi
- N. 268 *Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia?* – Alana Moraes de Souza
- N. 269 *A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente* – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 *O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna* – Viviane Zaremski Braga



**Flavio Williges.** Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (1995), Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria em convênio com a USP (1998) e Doutor em Filosofia pela UFRGS (2009). É Professor Adjunto IV, do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria. Tem interesse nas seguintes áreas da filosofia: Epistemologia, com ênfase no ceticismo de Descartes e Hume e nos argumentos céticos contemporâneos e suas objeções, principalmente as diferentes formulações da teoria das alternativas relevantes (Austin, Wittgenstein, Dretske, Stroud, Michael Williams), ética das virtudes (Iris Murdoch, Hursthouse, Foot, Annas) ética do cuidado (Gilligan, Little, Held, Slote, Annette Baier) psicologia moral (caráter, eu moral, identidade prática) críticas emotivistas às abordagens kantiana e utilitarista da ética, ontologia e epistemologia das emoções (Nussbaum, Sherman, Goldie, De Sousa), emoções morais, teorias da felicidade, sabedoria e bem-viver.

### **Algumas publicações do autor**

WILLIGES, Flavio. Racismo e Emoções. *Revista Dissertatio de Filosofia*, Pelotas–RS, v. 6, p. 49, 2018.

\_\_\_\_\_. Conhecimento, ceticismo e alternativas relevantes em Dretske. *Sképsis*, Salvador-BA v. 6, p. 40-85, 2013.

\_\_\_\_\_. Agentes morais e a identidade da filosofia de Hume. *Kriterion*, Minas Gerais -MG, v. 52, p. 397-415, 2011.



**UNISINOS**